



Ásia: lugar da missão no 3º milênio!

CENÁCULO

junho 2020 n° 267

1. Vida de missão

Kontum/Vietnam no meio das montanhas: para lá foram 4 missionários em 1969. Mas só conseguiram 6 conversões. Em 1988 o papa João Paulo 2º santificou 117 mártires do Vietnam. Aí mudou tudo: Kontum começou a procurar a fé, aos milhares, cerca de 30mil por ano. As autoridades comunistas estão preocupadas com todas essas conversões, e procuram colocar empecilhos ao Bispo. O qual de fato está sempre andando de carro, visitando comunidades. Ele conhece a língua francesa, inglesa e dos povos das montanhas do Vietnam; também por isso está tendo enorme sucesso. Para Natal tinha combinado com as autoridades de rezar Missa no povoado de Song Lang. Mas às 10h da manhã a polícia foi lá e proibiu: *‘Se quiser rezar Missa, não pode ser na praça; tem que ser de casa em casa e sem demorar mais que uma hora’*. Então, ele deu uma bênção ao povo e foi embora imediatamente para outra vila. E foi para pousar num convento de freiras. A polícia foi ao convento para tirar-lhe a carteira de motorista; mas o bispo já tinha ido a um hospital levar uma mulher que queria se matar; depois, o bispo passou a noite ao ar livre, como de costume. É uma verdadeira ‘perseguição’; mas o bispo faz humor: *‘Eu pousei num hotel 5 estrelas, aliás, de um milhão de estrelas!’* Hoje a diocese tem quase 2 milhões de habitantes, 500mil fiéis, 116 paróquias, 141 padres.

2. Sacrifício

Pe. Mourad, pároco de Kariatein/Síria, em maio 2015 foi sequestrado por terroristas do Estado Islâmico, e foi levado ao deserto: violências, humilhações, escárnios, torturas; com uma faca na garganta repetiam: *“Ou você se converte ao islã, ou cortaremos sua cabeça”*. Três meses depois foi transferido para outro cárcere, onde encontrou 250 cristãos da sua paróquia. Um dia *“um grupo de cinco terroristas me levaram numa sala, onde o chefe leu uma carta do Califa Al Bagdadi dirigida aos meus cristãos: ‘A comunidade devia voltar a Kariatein, onde seria submetida a uma lista de obrigações para cristãos sob o poder do Estado Islâmico, mas poderia rezar a Missa’*. Para mim, foi milagre: *achava que nunca mais iria celebrar a Eucaristia. Perguntei por que o Califa tinha decidido levá-los de volta a Kariatein. O chefe dos cinco respondeu: ‘Porque vocês, cristãos desta comunidade, não tinham levado armas contra muçulmanos’*. Posso dizer que no cárcere recebia dons de Deus, principalmente o dom do sorriso, que colocava meus carcereiros em dificuldade: *perguntavam-se como fosse possível um prisioneiro sorrir. E nem eu sabia como explicar: logo que começava a rezar o terço, todas as dores, todos os medos desapareciam. Na prisão sentia a graça das orações da Igreja por mim”*.

3. Testemunho das obras.

Na Região Central da Índia um grupo de 150 voluntários, incluindo 45 padres, foram visitar povoados afastados para conscientizá-los da pandemia do covid-19. Pe. José Tank., que fez parte da comitiva, diz ter visitado cerca de 100 famílias que não

sabiam nada sobre o vírus, porque não têm rádio, celulares, e são quase todos analfabetos. O padre os exortou a não realizar sua tradicional cerimônia de boas-vindas, que inclui lavar os pés do hóspede e oferecer água para lavar as mãos, enquanto não desaparecer a ameaça de contágios. Pe. George acrescentou que os sacerdotes estão fazendo *“campanhas de conscientização em mais de 50 estações missionárias, cada estação abrangendo 20 povoados; e que ele próprio visitou 26 vilarejos”*. O Sr. Markam, importante líder tribal, disse estar contente porque *“os missionários estão fazendo um grande serviço para evitar uma tragédia. Acusados de querer converter os indianos, agora, que ninguém está disposto a se aproximar, eles demonstraram seu amor pelo bem-estar do povo”*.

4. Empenho Pessoal

Pe. Robert conta: *Eu nasci nas montanhas do Mianmar. Entrei no seminário aos 15 anos de idade pensando me tornar padre diocesano. Mas veio ao seminário o pe. Pelosin, do PIME, nos falar da vida de missionário e seu trabalho. Impactou-me a maneira como ele vivia a vocação, seu relacionamento com os budistas, sua atenção aos meninos de rua. Falei com meu bispo, e entrei no Instituto Missionário. Eu mesmo pedi que me mandassem a Papua, porque eu estava acostumado a viver na floresta e montanhas onde nasci. Eu pensava entrar nas florestas de Papua. Mas, quando cheguei, só deu água, ilhas, barcos, etc. E agora faz 4 anos que estou lá, na ilha de Watuluma: lá o missionário deve fazer de tudo: juiz, professor, padre etc. A cultura diferente ainda me pesa: às vezes digo uma coisa, e os habitantes entendem outra: é um choque cultural. Mas, estou contente. Tem sentido ir a Papua, onde a maioria é católica, e deixar o Mianmar onde só 1% é católico e há tantas necessidades? Nós estamos lá para ajudar a Igreja de Papua a crescer. No meu país temos necessidade de compreender a urgência de transmitir a fé ao mundo. Por isso estou lá.*

5. Ajuda

No Bangladesh as igrejas não possuem propriedades e não têm uma renda fixa: *“a Igreja depende de doações para sobreviver e faz todo o seu trabalho de caridade graças a elas. Na pandemia ficamos com medo; mas os católicos se mobilizaram: os fiéis trazem à igreja ou nós vamos buscar nas casas coisas que são redistribuídas aos necessitados”*. No começo da pandemia destacou-se a iniciativa da Paróquia N. Sra. do Rosário, em Chittagong: foi promovida uma coleta que deu cerca de 500 takas (5 euros) por cada um dos 200 católicos presentes. Foi surpresa! As doações obtidas foram redistribuídas para 100 famílias que receberam 1.000 takas (10 euros) cada uma. Então a iniciativa foi estendida às paróquias da região.

**Coleta.*

**Recebei, ó Deus, as ofertas de vossos servos, pelas quais concedeis a salvação mesmo àqueles que não vos conhecem. Amém.*

Missão ad gentes é: ‘primeiro anúncio, conversão em vista do batismo, e formação da Igreja’. Consideremos aqui a **conversão**. Em geral, ela não é bem acolhida por várias razões: entre os **católicos**, porque o costume de batizar crianças estranha a conversão; na atividade **missionária**, porque foi contestada; e nos povos onde a religião está unida à **política**, porque tende a desagregar o esquema social. Todavia no decreto *Ad Gentes* aparece expressamente; e no ‘*Catecismo da Igreja*’ (30 anos mais tarde) aparece bem 42 vezes, aplicada aos cristãos e aos não cristãos. É destes dias o comentário de Pe. Lombardi: ‘*Uma vida melhor em nossa casa comum, em paz com as criaturas, com os demais homens e com Deus, uma vida cheia de sentido exige conversão*’.

Primeiro vejamos **o que essa conversão não é**.

Não é a conversão **moral**, de alguém violento, drogado, que resolve deixar drogas, violência e virar bem comportado. Nem a conversão de pessoa adulta, **batizada de criança**, que ‘encontra Jesus’ e envereda o caminho da santidade; seria dar pouca atenção ao batismo. Nenhuma paróquia batiza de novo quem já foi batizado; e o nosso boletim não traz conversões de adultos já batizados. Nem é **mudar de uma religião** para outra, de maneira seduzida ou forçada: é inadmissível, embora aconteça às vezes em nossos dias.

Então, **o que ela é?**

É mistério divino, e nós só conseguimos balbuciar alguma palavra. Normalmente acontece deste jeito. Algum dia, em algum momento, uma palavra do Evangelho, ou um gesto ligado ao Evangelho, de repente refulge na mente da pessoa, chama a atenção, e exige um novo relacionamento com Deus, com a vida e com o mundo. É ‘o Pai que atrai a pessoa a Jesus’ (Jo.6,44). Por fora, se resume na pregação de Jesus: “*Completo-se o tempo, o reino de Deus está próximo: arrependei-vos e crede no evangelho*” (Mc 1,15). Jesus pede conversão e fé à altura do Reino, não com medidas humanas; o primeiro passo é de Deus, e ele quer coisas de Deus. Iniciativa de Deus, graça de Deus, a conversão é também ato humano, livre resposta à iniciativa divina. No único e mesmo **flash** de luz viva, espiritual, que investe a pessoa, esta vê sua vida anterior miserável, de pecado, sem Deus, desperdiçada, de que sente arrependimento e que agora rejeita; dessa vida sente-se perdoada por completo; e no mesmo ato sente-se amada totalmente por Deus, a quem pertence, firmemente segurada por sua mão de Pai, Pai de Jesus e de toda a humanidade; e no fundo do espírito sente brotar uma alegria indizível, incontrolável, com amor espontâneo, radical a Deus, a Jesus, à humanidade. Libertada de todo apego ao passado, ao mundo e a si mesma, a pessoa imediatamente, sem nem refletir, entrega-se a Deus, disposta a todo sacrifício, que sempre é pequeno dentro dessa experiência de vida eterna. Agora compreende o que é ‘salvação’ de que fala o Evangelho. Marcada de profunda humildade, a pessoa descobre que a Igreja vive dessa experiência há 2000 anos e continua esperando novos convertidos, sendo essa a sua missão na terra; então, pede o

batismo e passa a servir, só esperando o céu. A conversão libera muita energia à disposição da Igreja. Conversão e fé andam juntas: a fé é a raiz da conversão e a conversão manifesta a fé; o batismo sela tudo isso. O novo convertido não é escravo da Igreja, mas é escravo do Senhor: ele se converteu **ao Senhor**. O curto trecho de Atos dos Apóstolos 11 repete a ideia: *Também aos pagãos Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida; grande foi o número dos que receberam a fé e se converteram ao Senhor; assim uma grande multidão uniu-se ao Senhor*’.

A conversão individual, da pessoa, é necessária, mas não suficiente; a missão ‘ad gentes’ leva em conta as gentes, as culturas, a **dimensão social** da fé, para desabrochar em frutos de glória para Deus e de bênção para a humanidade. Paulo 6º dá pormenores: “*A Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, a vida e o meio concreto que lhes são próprios* (EN19). A dimensão social hoje está sendo é cobrada dos missionários.

Precisa ainda reparar no **valor** da conversão!

Também aqui balbuciamos, porque só Deus sabe o que quer dos homens. O Decreto Ad Gentes (13) diz: *Esta conversão deve considerar-se como ponto de partida*; e indica o que Deus espera depois. Palavra de Deus: *Cristo nos libertou para que sejamos livres* (Ga 5,1), livres para o Reino. Quando Jesus diz que é o Pai quem chama (Jo. 6,44), que somos filhos livres (Jo 8,36), que é vida em abundância (Jo 10,10) quer dizer muita

coisa; os antigos falavam em ‘**divinização**’. Existe um projeto divino sobre as pessoas e sobre os povos ‘*para entrarem em sua glória*’ (Lc 24,26). Jesus é bom ‘descobridor de talentos’; aliás, ele libera uma produção 10 vezes acima dos talentos iniciais (Lc 19,17); mas precisa conversão e batismo, e assim Deus abre para uma vida nova. Nós, missionários, somos pequenos, enxergamos pouco e mal; às vezes nos basta que recebam o batismo e se acomodem na Igreja; temos medo de ir à missão, como Ananias (At.9, 13s). Mas, Ananias foi instrumento para que Saulo se tornasse S. Paulo. Sem a missão, essa grandeza fica impedida, o mundo fica achatado, os homens ‘*não passam de mortais*’ (Ps.9 A,21). O Pai chama os povos a coisas grandes, e a Igreja à missão.

O que OCM pode fazer?

Duas coisas, as de sempre: **oração** para que muitas conversões aconteçam; e as **virtudes** que o boletim aponta: *sacrifício, testemunho de obras, empenho pessoal, ajuda*. Sim, é a Igreja que evangeliza; mas, a santidade da Igreja condiciona a missão. Também nossa santidade a condiciona.

pe. José Stella

**A todos os Cenáculos que sentem o isolamento
cheguem nossa solidariedade e nossa empatia.
O SACRIFÍCIO faz parte da vida e de nossa missão.
Com a bênção de Deus.**

